

Propriedade da Empresa do "Barcellos-Revista,,"

DIRECTOR: E. LARCHER MARÇAL.—RED. PRINCIPAL: J. BELLEZA DOS SANTOS.

COMP. E IMP. CENTRO DE NOVIDADES

O novo anno do Barcellos-Revista

DECORREU um anno de publicação desta *Revista*.

Lançando-a no nosso meio, affirmamos que só queríamos trabalhar pelo bem e pelo progresso da nossa terra.

E que manteríamos uma inteira e ampla independencia de ideias, fora de sectarismos politicos, fora de irritantes questões pessoais.

Diz-nos bem alto a nossa consciencia que não nos afastamos do caminho que a nós proprios, como um dever, nos impuzemos.

Diz-nos o grato favor do publico, e a delicada e amavel cortezia dos nossos collegas da imprensa, que não nos mente essa intima voz da consciencia.

E assim, no anno findo, fora de parcialismos politicos, que são estranhos ao objecto desta *Revista*, fora de discussões pessoais que são tão deprimentes como inuteis e nocivas, procuramos collocar o nosso pequeno esforço, ao serviço da grande causa do aperfeiçoamento e do progresso da nossa terra.

E esse programma inicial continua sendo o nosso programma.

Procuraremos, porem, realiza-lo melhor, abrindo novas secções, dando uma orientação mais uniforme, mais ampla, mais largamente util á nossa *Revista*.

E temos a firme crença de que alguma

coisa de bom e util ha-de realizar o nosso esforço, embora pequeno e humilde:

Porque lhe dará força, lhe dará uma vigorosa alma, o nosso forte amor pela nossa terra e o nosso sincero e ardente desejo de trabalhar por ella.

Nós somos, é velho o conceito, um paiz de lavradores. Ora o lavrador tem a alma amorosamente jungida á sua companheira: a terra, que o alimenta, que o alegra, que o amargura e que lhe dará afinal o grato e suave repouso para as fortes alegrias e para as dores cruéis que lhe causou.

O lavrador é por isso sempre um dedicado amigo, da sua gleba, da sua aldeia, do seu paiz. A sua alma prende-se carinhosa e solidamente á terra, como as videiras do seu eirado se enlaçam, num estreito e intimo abraço, á arvore que as ampara e as sustem.

Por isso nós fomos fortes, crentes, livres, confiando em nós e na patria, enquanto a aventura da India não nos attrahiu, pora longe do nosso torrão amigo.

Ganhamos em oiro o que perdemos em energia moral, em liberdade, em independencia . . .

Por fim até o oiro perdemos.

Voltemos, porem, á nossa terra, voltemos a cultiva-la e a ama-la e a força e a riqueza e a crença e a energia moral e a confiança em nós e na patria: nos hão-de voltar.

Por isso nós que muito amamos a nossa terra, sentimos uma grande confiança nella e com essa crença por ella trabalhamos, serena, alegre e confiadamente.

Oxalá que continuemos a merecer o favor publico como até aqui, favor que muito agradecemos e que representa para nós um poderoso estímulo e uma grata recompensa.

Para os nossos collaboradores que tanto nos ajudaram com o seu valioso auxilio, que esperamos continuem a dispensar-nos, e para os nossos collegas de imprensa, que tão amaveis e cortezes foram connosco, tambem o nosso agradecido reconhecimento.



Mater Dolorosa

*Sósinha e sem conforto aos pés da Cruz,
No refremir atroz da maior dôr,
Contempla triste o corpo de Jesus
Maria, a Sancta Mãe do Redemptor.*

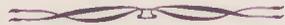
*Ninguem um lenitivo lhe conduz
Da sua Soledade ao negro horror!
Só pranto acerbo a morte lhe produz
A morte assim do seu Divino Amor!*

*E nos haustos da magoa olhando o Filho,
Sem côr o rosto meigo, o olhar sem brilho...
— Pungente quadro com sombria luz!*

*No cimo do madeiro o Filho inerte!
A dôr e a solidão sómente a ver-te
O' Mater Dolorosa aos pés da Cruz!*

BARCELLOS

A. A. Marques d'Azevedo.



Instrucção e Educação

O centenario de Herculano

TODO o paiz se afadiga, em celebrar, com um ruidoso centenario, o glorioso nome de Herculano.

Faz-se um barulho estridente em torno desse grande morto, arrancado já á piedosa tranquillidade do cemiterio de Azoia, para o sumptuoso tumulo nacional dos Jeronymos.

Talvez o ruido da homenagem esteja em

desacordo com o feitto moral d'aquelle a quem é consagrada.

Talvez ella repugnasse um pouco á sobriedade de apparato, á rigidez e ao desprendimento que sempre revestiram e caracterisaram a vida de Herculano.

No entanto, como os duros ouvidos da multidão só se impressionam com as manifestações ruidosas, desculpa-se um pouco esse barulhento afan em consagrar um homem, que amou sobretudo a paz serenissima do estudo, e para quem a vida foi sempre séria, productiva e severa.

Mas, se esse fragor de festa se apagar inutilmente como se apaga no ar o som e o fumo breve dos foguetes, todo o centenario de Herculano terá sido então uma grosseira, uma impiedosa, uma profanadora mentira.

Celebrar apenas Herculano, com uma festarola recheada de cortejos e discursos, cortejos que num momento passam, discursos que amanhã se esquecem, é quasi ultrajar a memoria de quem despresou sempre exterioridades, sem significação e sem consistencia.

E' preciso, portanto, que a homenagem que o paiz quer fazer a Herculano revista um character sério, duradouro, pratico.

Herculano foi um rebelde na sociedade do seu tempo e a corrupção do meio, que a principio o indignara e o revoltara, desanimou-o depois; abafou-lhe a voz; paralyzou-lhe a penna, para o deixar cahir na amarga tristeza dos desilludidos.

Offereciam-lhe honras, titulos, empregos e glorias; mas que importavam honras, titulos, empregos ou glorias a quem presava mais do que isso que apreciassem, que sequissem, a pureza dos seus principios e a austeridade e a coherencia da sua conducta?

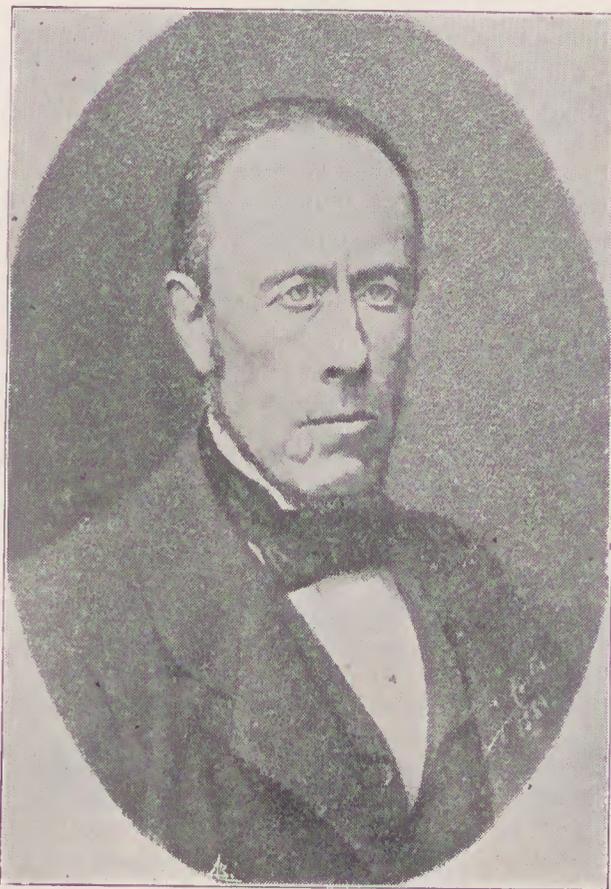
Isso não o dava, isso não o offerecia a corrupta sociedade do seu tempo, como homenagem, a Herculano.

Por isso Herculano foi um incompativel com a sociedade do seu tempo e afastou-se della, retirando-lhe num gesto de cansaço, de desdem e de tristeza o apoio do seu esforço austero, vigoroso e altivo.

Abandonou-a, como ella repellira a nobreza, a honrada rigidez dos seus principios.

Curvavam-se todos deante do seu genio numa admiração postiça, artificial, mentirosa.

Mas quando a voz poderosa de Herculano



ALEXANDRE HERCULANO

os chamava para o bem, para a justiça, para a verdade, voltavam-lhe as costas, tapavam os ouvidos com o seu egoísmo, a sua cobiça e a sua corrupção.

Voltavam-lhe as costas . . . quando lhe não arremessavam as grosseiras pedras da injúria e da calúnia.

E assim, que valiam: honras, títulos, glórias . . . se os que lh'os offereciam eram talvez os que se riam no intimo da pureza, da ingenua e honrada sinceridade de Herculano?

Por isso Herculano os despresou: a elles

e aos seus títulos, ás suas honras, á sua admiração postíça.

Para que a nossa homenagem a Herculano não seja portanto mais uma mentira que elle despresaria, como despresou as dos homens do seu tempo, é preciso que nós procuremos com um grande e sincero esforço aproveitar a elevada licção scientifica e moral da obra de Herculano.

E' preciso que as festas de agora sejam apenas o inicio de uma vasta obra que procure realisar socialmente os principios que

No anniversario da Revista

aos seus directores.

*Continuai: a senda que seguis,
E' ingreme, difficil, espinhosa:
A vossa ideia, a causa que servis,
Nenhuma outra a excede, é primorosa!*

*A força de vontade, que sentis,
Na lucta pelo bem, é-vos honrosa:
Procurar um facturo mais feliz,
E' ter a alma grande, generosa.*

*A nossa terra, um ninho perfumado,
N'este jardim do Minho, assim chamado,
Em vós pode encontrar grande valôr:*

*Tendes o sangue novo a fluir, ousado,
Como as lymphas do Cavado amado
Que murmura saudades, d'um Amor!*

26-5-910

P. LAMELLA

Arco da Alliança

*Gosto de ver nas tardes de bonança,
Depois dos temporaes esmagadores,
Surgir no azul o Arco da Alliança
— A symphonia mágica das côres!*

*Gosto de ve-lo, a rir, qual uma esp'rança,
Irisado de sonhos multicores,
— Espelho da noss' alma de creança
Que ao sorrir logo esquece os dissabores.*

*Arco-iris!—radiosa phantasia
A fulgurar no ceu da nossa vida
N'essas tardes felizes de alegria—*

*Illumina, aureóla o céu inteiro,
Qual phenix claramente renascida
Das cinzas mal extinctas do nevoeiro.*

JANEIRO-1910

VAZ PASSOS.

ainda hoje emergem luminosamente da obra do grande historiador.

«E' preciso, como elle dizia nessa magnifica Carta aos Eleitores de Cintra, que o paiz da realidade, o paiz dos casaes, das aldeias, das villas, das cidades, das provincias, acabe com o paiz nominal, inventado nas secretarias, nos quartéis, nos clubs, nos jornaes e constituído pelas diversas camadas do funcionalismo que é e do funcionalismo — que quer e que ha-de ser.»

E' preciso que a recordação da obra de Herculano traga um largo e forte movimento em beneficio da vida local do paiz que elle com uma clara justeza de principios collocava como condição da sua prosperidade gera!

E' preciso procurar por todos os meios, pela propaganda, pelas associações, pelo ensino e educação dar ao municipio essa vida forte, autonoma e livre, que Herculano, mostrava á luz da historia, ser a fonte da energia nacional!

E' preciso que a representação nacional não seja um artificio dos ministerios e dos partidos, despreendida dos interesses regionaes, que a voz dos eleitos, seja a voz do paiz real, do paiz dos casaes, das aldeias, das villas, das cidades, das provincias.

E' preciso que se trabalhe vigorosamente, em nome de Herculano e recordando Herculano para crear por uma educação racional, energica e intelligente: homens que como elle «só afirmam os seus actos livres pelas proprias opiniões, pelas doutrinas que tem propugnado.»

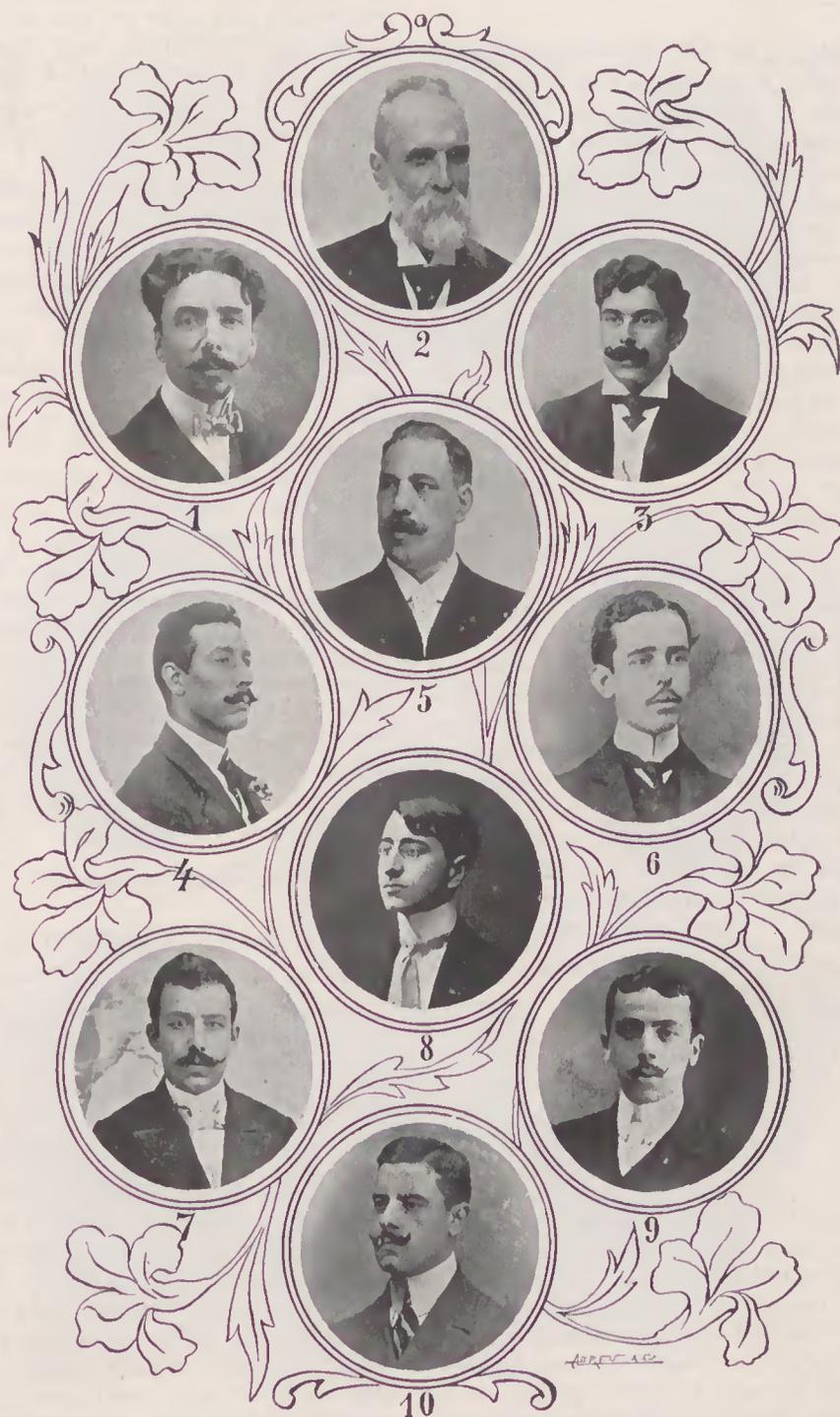
«E que julguem que é honroso merecer a confiança dos concidadãos, mas que é mais honroso viver e morrer honrado.»

E' preciso que, como Herculano aconselhava, nacionalisemos o nosso ensino, fazendo portuguezes que sejam portuguezes, embora adoptando os bons principios pedagogicos dos paizes extranhos, que desprendamos a nossa educação da mulher, da tutela estrangeira que ainda sobre ella pesa: estreita, reaccionaria e fanatisante.

E' vulgarisando a obra gigantesca de Herculano e procurando realisar os seus altos principios, no que elles tem de justa, de belleza e de verdade que nós faremos a maior, a unica homenagem que se deve á superioridade do seu genio e á pureza e á seriedade do seu character.

J. B.

Os nossos colaboradores



- (1) Candido da Cunha. (2) Dr. Rodrigo Augusto Cerqueira Velloso. (3) Antonio Albino Marques d'Ázevedo. (4) Alvaro Pinheiro
 (5) Dr. Antonio Miguel da Costa d'Almeida Ferraz. (6) Raul Martins. (7) Placido Elias Barbosa Lamella.
 (8) João de Lebre e Lima. (9) Illydio Nunes. (10) Dr. Joaquim G. Paes de Villas-boas.

CARTA

E' hoje dia de festa para o *Barcellos-Revista*. E não sò para elle mas ainda para todos os seus assignantes. Inaugura-se com o presente n.º o segundo anno de sua existencia. E devido e bem justo é que se assignale este seu primeiro anniversario.

E' que adoptando elle para seu titulo a denominação da terra em que se publica, a primôr tem justificado essa sua eleição. Não descurando em suas paginas outros e mui variados assumptos de interesse e enlevo para seus ledores, acima de todos elles tem posto o bom nome e exaltação de Barcellos. E do empenho que o anima na realisação d'este seu intento, que lhe é como que estofa e motivo principal da propria existencia, bem se pode dizer que todos os seus n.ºs sahidos dão exuberante e incontrastavel testemunho.

Assim é que tem elle posto toda a sua, e bem meritoria, solicitude, em fazer reviver memorias enobrecedoras do passado da tão antiga como gentil villa que se debruça sobre as margens do murmurante Cava-do, e simultaneamente todo e o mais tenaz esforço pelo seu progredimento e exaltação no futuro.

Honra lhe seja, por isso, ao *Barcellos-Revista*, e ainda pela illustração que a suas paginas tem dado com a collaboração de moços e velhos, exceptuando d'estes o

muito seu

Lisboa, 14 de março.

RODRIGO VELLOSO.

Dr. José Belleza dos Santos

DAS muitas pessoas que conhecemos e que com mais aturada persistencia trabalham pelo desenvolvimento da instrucção e educação, que estudam com devotado amor esta causa sympathica que actualmente prende a attenção dos povos cultos e que, portanto, reúnem os mais brilhantes predicados do jornalista moderno — que sobretudo educa e moralisa — destaca-se, em logar preeminente, o sr. dr. José Belleza dos Santos.

Advogado e orador distinctissimo, elle conquistou já, entre nós, uma grande e legitima auctoridade pelo vigor das suas ideias, pela eloquencia da sua palavra, pela elevação do seu estylo e pela sua notavel erudição.

Os multiplos aspectos sob os quaes se revela o seu vigoroso talento, concretisam-se n'um só: educar e instruir.

A estes dotes intellectuaes, allia o dr. Belleza dos Santos os primores d'um lidimo caracter e uma excessiva modestia, que lhe têm grangeado a estima, a sympathia e a admiração de todos os barcelloenses.

Assim, facilmente se avalia o inefavell prazer com que noticiamos a entrada de s. ex.^a para a redacção do *Barcellos-Revista*, onde fica occupando o logar de seu redactor principal.

Temos a mais arraigada convicção de que ha-de deixar brilhantemente assignalada a sua permanencia na redacção da *Revista*; e, para corroborar a nossa affirmativa, mais não será preciso do que volver um olhar pelas paginas do 1.º anno d'este quizenario, onde se encontram dispersas as interessantes chronicas sobre a educação da mulher, de sua distincta collaboração.

Desculpe-nos s. ex.^a que assim sacrifique-mos a sua modestia e accete o nosso sincero agradecimento pela subida honra que nos concedeu.

Dos nossos prosadores

O Castello de Faria

(1373)

DAS «LENDAS E NARRATIVAS»
DE ALEXANDRE HERCULANO.

A breve distancia da villa de Barcellos, nas faldas da Franqueira, alveja ao longe um convento de franciscanos. Aprazivel é o sitio, sombreado de velhas arvores. Sentem-se allí o murmurar das aguas e a bafagem suave do vento, harmonia da natureza, que quebra o silencio daquella solidão, a qual, para nos servirmos de uma expressão de Fr. Bernardo de Brito, com a saudade de seus horisontes parece encaminhar e chamar o espirito á contemplação das cousas celestes.

Os nossos colaboradores



(11) Arnaldo Braz. (12) Abbade Antonio Fernando Paes de Villas-boas. (13) Vaz Passos. (14) Dr. José Reis Mala. (15) Dr. Antonio Martins de Sousa Lima. (16) David Martins de Lima. (17) Bento Antas da Cruz. (18) Dr. José Belleza dos Santos. (19) Gonçalo Alcalde y Alonso. (20) Candido Augusto Landolt.

O monte que se alevanta ao pé do humilde convento é formoso, mas áspero e severo, como quasi todos os montes do Minho. Da sua corôa descobre-se ao longe o mar, semelhante a mancha azul entornada na face da terra. O espectador collocado no cimo daquella eminencia volta-se para um e outro lado, e as povoações e os rios, os prados, e as fragas, os soutos e os pinhaes apresentam-lhe o panorama variadissimo que se descobre de qualquer ponto elevado da provincia de Entre-Douro-e-Minho.

Este monte, ora ermo, silencioso, e esquecido, já se viu regado de sangue: já sobre elle se ouviram gritos de combatentes, ancias de moribundos, estridor de habitações incendiadas, sibilar de setas e estrondo de machinas de guerra. Claros signaes de que ahí viveram homens; porque é com estas balisas que elles costumam deixar assignalados os sitios que escolheram para habitar na terra.

O castello de Faria, com suas torres e ameias, com sua barbacã e fosso, com seus postigos e alçapões ferrados, campeou ahí como dominador dos valles vizinhos. Castello real da idade média, a sua origem some-se nas trevas dos tempos que já lá vão ha muito: mas a febre lenta que costuma devorar os gigantes de mármore e de granito, o tempo, coou-lhe pelos membros, e o antigo alcacer das eras dos reis de Leão desmoro-nou-se e caíu. Ainda no século dezesete parte da sua ossada estava dispersa por aquellas encostas: no século seguinte já nenhuns vestígios d'elle restavam, segundo o testemunho de um historiador nosso. Um eremiterio, fundado pelo célebre Egas Moniz, era o único écho do passado que ahí restava. Na ermida servia de altar uma pedra trazida de Ceuta pelo primeiro duque de Bragança, D. Affonso. Era esta lagea a mesa em que costumava comer Salat-ibn-Salat, último senhor de Ceuta. D. Affonso, que seguira seu pai D. João I na conquista daquella cidade, trouxe esta pedra entre os despojos que lhe pertenceram, levando-a comsigo para a villa de Barcellos, cujo conde era. De mesa de banquetes mouriscos converteu-se essa pedra em ara do christianismo. Se ainda existe, quem sabe qual será o seu futuro destino?

Serviram os fragmentos do castello de Faria para se construir o convento edificado

ao sopé do monte. Assim se converteram em dormitorios as salas de armas, as ameias das torres em bordas de sepulturas, os umbraes das balhesteiras e postigos em janelas claustraes. O ruído dos combates calou no alto do monte, e nas faldas d'elle alevantaram-se a harmonia dos psalmos e o sussuro das orações.

Este antigo castello tinha recordações de gloria. Os nossos maiores, porém, curavam mais de practicar façanhas do que de conservar os monumentos dellas. Deixaram, por isso, sem remorsos, sumir nas paredes de um claustro pedras que foram testemunhas de um dos mais heroicos feitos de corações portugueses.

Reinava entre nós D. Fernando. Este principe, que tanto degenerara dos seus antepassados em valor e prudencia, fôra obrigado a fazer paz com os castelhanos, depois de uma guerra infeliz, intentada sem justificados motivos, e em que se esgotaram inteiramente os thesouros do estado. A condição principal, com que se pôs termo a esta lucta desastrosa, foi que D. Fernando casasse com a filha d'elrei de Castella: mas, brevemente, a guerra se accendeu de novo, porque D. Fernando, namorado de D. Leonor Telles, sem lhe importar o contracto de que dependia o repouso dos seus vassallos, a recebeu por mulher, com affronta da princeza castelhana. Resolveu-se o pai a tomar vingança da injúria, ao que o aconselhavam ainda outros motivos. Entrou em Portugal com um exército e, recusando D. Fernando aceitar-lhe batalha, veio sobre Lisboa e cercou-a. Não sendo o nosso propósito narrar os successos deste sitio, volveremos o fio do discurso para o que succedeu no Minho.

O adiantado de Galliza, Pedro Rodriguez Sarmento, entrou pela provincia de Entre-Douro-e-Minho com um grosso corpo de gente de pé e de cavallo, emquanto a maior parte do pequeno exército português trabalhava inutilmente ou por defender ou por descercar Lisboa. Prendendo, matando e saqueando, veio o Adiantado até ás immedições de Barcellos, sem achar quem lhe atalhasse o passo; aquí, porém, saíu-lhe ao encontro D. Henrique Manuel, conde de Ceia e tio d'elrei D. Fernando, com a gente que pôde ajunctar. Foi terrivel o conflicto; mas,

INSCRIÇÃO

Era uma vez um Choupo desgraçado,
Que nunca em vida vira a luz do dia.
Bebia treva e a treva que bebia
Punha-lhe n'alma um travo envenenado.

Zão pobre, tão sosinho e despresado,
Jamais tivera sombra d'alegria,
E ha muitos, muitos annos que jazia
Na escuridão do Valle sepultado.

Mas, afinal, a treva dissipou-se . . .
Das bandas do levante alevantou-se
Uma gase de nevoa acinzentada.

É o negro Valle, oh! maravilha rara!
Foi Som e Côr e Sangue e Vida clara . . .
É o Choupo comprehendeu a madrugada.

JOÃO DE LEBRE E LIMA.

O Perdão de Jesus

*Jesus, o loiro nazareno, chora.
Escondem-se a tremer leões no fojo.
Só Magdalena, a cortezã, de rojo,
A remissão do seu passado implora!*

*Jesus sorrindo escuta a peccadora.
Sorri com elle tudo ... a flor ... o tojo ...
E Magdalena enchendo-se de arrojô,
Os niveos pés de beijos lh'os devora!*

*Jesus perdôa. Brilham as estrellas.
E Magdalena, a peccadora, ao vel-as,
Esconde o rosto que o luar branqueia! . . .*

*O Christo parte. E Magdalena agora,
Como Jesus, erguendo os olhos chora,
E só, o seu immenso amor pranteia! . . .*

RAUL MARTINS.

por fim, foram desbaratados os portuguezes, caindo alguns nas mãos dos adversarios.

Entre os prisioneiros contava-se o alcaide-mór do castello de Faria, Nuno Gonçalves. Saíra este com alguns soldados para soccorrer o conde de Ceia, vindo, assim, a ser companheiro na commum desgraça. Captivo, o valoroso alcaide pensava em como salvaria o castello d'elrei seu senhor das mãos dos inimigos. Governava-o em sua ausencia um seu filho, e era de crêr que, vendo o pai em ferros, de bom grado dêsse a fortaleza para o libertar, muito mais quando os meios de defensão escaceavam. Estas considerações suggeriram um ardil a Nuno Gonçalves. Pediu ao Adiantado que o mandasse conduzir, ao pé dos muros do castello; porque elle, com suas exhortações, faria com que o filho o entregasse, sem derramamento de sangue.

Um troço de bésteiros e de homens d'armas subia a encosta do monte da Franqueira, levando no meio de si o bom alcaide Nuno Gonçalves. O Adiantado de Galliza seguia atrás com o grosso da hoste, e a costaneira ou ala direita, capitaneada por João Rodriguez de Viedma, estendia-se, rodeando os muros pelo outro lado. O exército victorioso ía tomar posse do castello de Faria,

que lhe promettera dar nas mãos o seu captivo alcaide.

De roda da barbacã alvejavam as casinhas da pequena povoação de Faria: mas silenciosas e ermas. Os seus habitantes, apenas enxergaram ao longe as bandeiras castelhanas, que esvoaçavam soltas ao vento, e viram o refulgir scintillante das armas inimigas, abandonando os seus lares, foram acolher-se no terreiro que se estendia entre os muros negros do castello e a cerca exterior ou barbacã.

Nas torres, os atalaias vigiavam attentamente a campanha, e os almocadens corriam com a rolda (1) pelas quadrellas do muro e subiam aos cubellos collocados nos angulos das muralhas.

O terreiro onde se haviam acolhido os habitantes da povoação estava cuberto de choupas colmadas, nas quaes se abrigava a turba dos velhos, das mulheres e das creanças, que alli se julgavam seguros da violencia de inimigos desapiedados.

Quando o troço dos homens d'armas que

(1) Roldas e sobreroldas eram os soldados e officiaes encarregados de rondarem os postos e atalaias.

levavam preso Nuno Gonçalves vinha já a pouca distancia da barbacã, os bésteiros que corovavam as ameias encurvaram as béstas, e os homens dos engenhos prepararam-se para arrojar sobre os contrarios os seus quadrellos e virotões, enquanto o clamor e o chôro se alevantavam no terreiro, onde o povo inerme estava apinhado.

Um arauto saíu do meio da gente da vanguarda inimiga e caminhou para a barbacã; todas as béstas se inclinaram para o chão, e o ranger das machinas converteu-se num silencio profundo.

«Moço alcaide, moço alcaide! — bradou o arauto — teu pai, captivo do mui nobre Pedro Rodriguez Sarmiento, Adiantado de Galliza pelo muito excellente e temido D. Henrique de Castella, deseja fallar contigo, de fóra de teu castello.»

Gonçalo Nunes, o filho do velho alcaide, atravessou então o terreiro e, chegando á barbacã, disse ao arauto — «A Virgem proteja meu pai: dizei-lhe que eu o espero.»

O arauto voltou ao grosso de soldados que rodeavam Nuno Gonçalves, e, depois de breve demora, o tropel approximou-se da barbacã. Chegados ao pé della, o velho guerreiro saíu d'entre seus guardadores, e falou com o filho:

«Sabes tu, Gonçalo Nunes, de quem é esse castello, que, segundo o regimento de guerra, entreguei á tua guarda quando vim em soccorro e ajuda do esforçado conde de Ceia?»

«E' — respondeu Gonçalo Nunes — de nosso rei e senhor D. Fernando de Portugal, a quem por elle fizeste preito e menagem.»

«Sabes tu, Gonçalo Nunes, que o dever de um alcaide é de nunca entregar, por nenhum caso, o seu castello a inimigos, embora fique enterrado debaixo das ruínas delle?»

«Sei, oh meu pai — proseguiu Gonçalo Nunes em voz baixa, para não ser ouvido dos castelhanos, que começavam a murmurar. — Mas não vês que a tua morte é certa, se os inimigos percebem que me aconselhaste a resistencia?»

Nuno Gonçalves, como se não tivera ouvido as reflexões do filho, clamou então — «Pois se o sabes, cumpre o teu dever, alcaide do castello de Faria! Maldicto por mim, sepultado sejas tu no inferno, como Judas o

traidor, na hora em que os que me cercam entrarem nesse castello sem tropeçarem no teu cadáver.»

«Morra! — gritou o almocadem castelhano — morra o que nos atraiçoou.» — E Nuno Gonçalves caíu no chão atravessado de muitas espadas e lanças.

«Defende-te, alcaide! — foram as últimas palavras que elle murmurou.

Gonçalo Nunes corria como um louco ao redor da barbacã, clamando vingança. Uma nuvem de frechas partiu do alto dos muros; grande porção dos assassinos de Nuno Gonçalves misturaram o proprio sangue com o sangue do homem leal ao seu juramento.

Os castelhanos accometteram o castello; no primeiro dia de combate o terreiro da barbacã ficou alastrado de cadáveres tisnados e de colmos e ramos reduzidos a cinzas. Um soldado de Pedro Rodriguez Sarmiento tinha sacudido com a ponta da sua longa chuça um colmeiro incendiado para dentro da cêrca; o vento suão soprava nesse dia com violencia, e em breve os habitantes da povoação, que haviam buscado o amparo do castello, pereceram junctamente com as suas frageis moradas.

Mas Gonçalo Nunes lembrava-se da maldicção de seu pai: lembrava-se de que o vira moribundo no meio dos seus matadores, e ouvia a todos os momentos o último grito do bom Nuno Gonçalves — «Defende-te, alcaide!»

O orgulhoso Sarmiento viu a sua suberba abatida diante dos torvos muros do castello de Faria. O moço alcaide defendia-se como um leão, e o exército castelhano foi constringido a levantar o cêrco.

Gonçalo Nunes, acabada a guerra, era altamente louvado pelo seu brioso procedimento e pelas façanhas que obrara na defensão da fortaleza cuja guarda lhe fôra encommendada por seu pai no último transe da vida. Mas a lembrança do horrivel successo estava sempre presente no espirito do mōço alcaide. Pedindo a ellei o desonerasse do cargo que tão bem desempenhara, foi depôr ao pé dos altares a cervilheira e o saio de cavalleiro, para se cubrir com as vestes pacificas do sacerdocio. Ministro do sanctuario, era com lágrimas e preces que elle podia pagar a seu pai o

ter cuberto de perpétua gloria, o nome dos alcaides de Faria.

Mas esta gloria, não ha hoje ahi uma única pedra que a atteste. As relações dos historiadores foram mais duradouras que o mármore.



Coisas velhas

X

QUASI já completos quatro mezes de férias, tempo será agora de vir fallando ao rol.

E bem desagradaveis têm sido as férias, e bem amargo o descanço, que me vi obrigado a guardar, receando que esta minha cabeça se negue a dar-me, o que eu tenho de pedir-lhe para me auxiliar n'esta tarefa de hoje.

O incendio foi violento e os estragos, que produziu, custam muito a reparar. (1)

Fiquei na «Aurora do Cavado» e no «Registo bibliographico e physiologico» que appareceu em fevereiro de 1868.

Eu disse: que este journalsito tivera vida ephemera, e que nem eu, que me lembre, o cheguei a conhecer; e accrescentei: — «Se algum se achar lesado, por este meu olvido, que se accuse». O certo é, que, até hoje, não appareceu ninguem; pois em 1868 eu estive sempre por Barcellos.

Em 19 de maio de 1870 o Duque de Saldanha tomou, de emboscada, os poderes do Estado: deitou a terra um ministerio progressista, e fez-se ministro de todas as pastas.

Dissolvendo as côrtes e constituindo a custo um ministerio seu, mandou proceder a eleições geraes de deputados.

Era administrador do concelho de Bar-

(1) **N. da R.** — O nosso distincto collaborador, ex.^{mo} snr. Abbade A. Paes, esteve bastante incommodado, sendo esse o motivo porque o *Barcellos-Revista* não teve, nos ultimos n.^{os}, a sua honrosa collaboração.

Hoje, felizmente, encontra-se em franca couvalescença e por isso sincera e jubilosamente o felicitamos.

cellos, com o ministerio progressista, Rodrigo Velloso, e administrador ficou com o ministerio da emboscada.

Dando principio aos trabalhos eleitoraes a favor do candidato do governo, ainda por indicar, Dr. Velloso, tendo por companheiro Manoel Forte de Sá, fez sahir da typographia da «Aurora do Cavado» um jornal intitulado «O Povo», que sahiu a 21 d'agosto de 1870, com o fim de combater a candidatura do Dr. Manoel Paes, que se propunha pela opposição, pois fazia parte da camara dissolvida por Saldanha.

Chegou a ser conhecido o nome do candidato do governo, um tal senhor Aboim, de quem a opposição chasqueava a valer.

A oito dias precisos da publicação de «O Povo», ou fosse no dia 23 de Agosto de 1870, appareceu outro jornal «O Desengano», jornal politico, litterario e noticioso. Redactor e responsavel, Agostinho José da Silva; impresso em Braga na typographia Lealdade, rua de S. João.

Este jornal foi publicado para combater «O Povo» e advogar a candidatura de Manoel Paes.

N'elle collaboraram Amaral Ribeiro, Diogo de Magalhães, A. Paes, Agostinho José da Silva e outros.

N'este entrementes Saldanha passou a fazer outro jogo, demittiu-se e foi de novo chamado o Bispo de Vizeu.

O novo governo demittiu Rodrigo Velloso de administrador do concelho, e foi nomeado Dr. Faria Rego; e Dr. Manoel Paes, que era candidato da opposição, passou a ser candidato governamental e recommendado pelo governo; foi então que Rodrigo Velloso, para aproveitar trabalhos, que tinha feito em favor da candidatura Aboim, que gorara, se propoz a si a candidato tambem.

Durante a lucta os dois jornaes, «O Povo» e «Desengano», batiam-se desesperadamente; e terminado o acto eleitoral, em que triumphou valentemente Manoel Paes, «O Povo» e «O Desengano» deram por cumprida a sua missão, suspendendo-se um e outro, não lhes podendo dizer quando; mas as suas vidas foram de poucos mezes.

De o jornal «O Povo» não tenho numero nenhum e de «O Desengano» tenho os nu-

meros 1 e 5; aquelle de 23 de agosto e este de 15 de setembro de 1870.

Que tempos aquelles, e que luctas aquellas, que me parecem ter sido ainda hontem, e que já lá vão ha quasi — quarenta annos — !!

Era o melhor, que tinha a — *ignobil porcaria* —, porque nos livrava d'essas luctas titanicas, quasi sempre violentas e pouco edificantes; e afinal de contas, tudo vem a dar na mesma; mas se não fossem ellas, não teriam vindo á luz da publicidade «O Povo» e «O Desengano», que aqui ficam registados.

Alvito, 14—3—10.

A. PAES.



A vida physica

A fiscalisação hygienica dos matadouros e do leite, deve ser feita por empregados zelosos.

Os cães e os gatos propagam as doenças contagiosas, principalmente as febres eruptivas e a diphtheria. Transmissão de doenças analogas, taes como a tuberculose e o cancro.

O contagio da pneumonia infecciosa das aves, é mortal para o homem. A maneira como os grandes hygienistas americanos combatem as doenças infecciosas.

As recentes descobertas, attrahiram a attenção dos medicos e hygienistas, sobre o grande papel que representam os animaes, na origem e transmissão das doenças humanas.

A classe dos animaes domesticos, dos quaes salientaremos o cão, o gato, o porco, o boi e as aves, com os quaes se vive ás vezes n'uma abominavel *promiscuidade*, tanto nos centros populosos como na habitação rural, são muitas vezes os melhores vehiculos das doenças contagiosas.

Uns podem contagiar pelo consumo que fazemos das suas carnes, quer voluntariamente, quando o animal nos pertence, quer comprando as carnes nos matadouros, onde não ha o verdadeiro escrupulo dos veterinarios encarregados da *fiscalisação*.

O leite pode transmittir um grande numero de doenças: umas originarias do individuo productor, outras adquiridas pelos microbios que recebe, até chegar ás mãos do consumidor; visto ser o leite um alimento por excellencia, todo o microbio pathogenio ahi se desenvolve admiravelmente.

E' meu dever aqui n'esta altura, protestar contra a falta de hygiene nos estabulos, muggedura e operações inherentes.

Os cães e os gatos promovem o contagio das doenças, por dois mechanismos differentes. Transmittem as suas doenças e actuam como simples vehiculo, transportando os agentes microbianos, d'um individuo doente para um são.

Acontece muitas vezes, que um doente de cama, velho ou novo, o seu cuidado, e muitas vezes a sua unica distracção, é fazer repousar perto de si, qualquer seu animal favorito. Estando em presença d'uma doença contagiosa, o cão ou o gato, nos seus passeios quotidianos, transportará para as visinhanças, os germens contagiosos adherentes á sua pellagem.

N'um estudo recente, o Dr. Remlinger director do Instituto Pasteur de Constantinopla, citava numerosos exemplos de propagação de doenças infecciosas, principalmente eruptivas, pelos cães e gatos.

M. Remlinger passando da observação á experiencia, pôde recolhêr depois de aspergidos sobre os pêllos do animal, os microbios da diphtheria e febre tifoide, ainda n'um estado bastante *virulento* passados oito dias.

Os cães e os gatos, não deveriam entrar nunca no quarto das pessoas doentes ou convalescentes de doença *infecciosa*.

Estes animaes podem contrahir doenças, e essas serem transmissiveis ao homem. Assim, os cães têm o habito de absorvêr as espectorações dos tísicos, tornando-se frequentemente tuberculosos.

Não impede isto, que certas pessoas, mais bondosas que aceadas, tolerem que o seu cão lhe lamba as mãos e mesmo o rosto.

Os cães, ainda podem transmittir os ovos de *vermes intestinaes*, que recolhem, quando fazem as suas explorações por todos os cantos das vias publicas.

Diz o Dr. Hericourt, no seu livro a Hygiene Moderna, que esses animaes são frequen-

temente tuberculosos; os gatos contraem muitas vezes *cancros*; e ha todas as probabilidades de transmissão. Temos ainda do dominio de todos, que a *hydrophobia* não se transmite só pela mordedura. No periodo inicial do mal, pode contagiar um cão que lambe a mão, antes mesmo de qualquer symptoma morbido. Alem d'isso são agentes muito activos, de transporte das *poeiras* das ruas para as habitações. Quanto ás aves, geralmente presas, não podendo ser accusadas de *vagabundos* são comtudo muito expostas a doenças graves para ellas

e seus visinhos; taes como a pneumonia infecciosa do papagaio, a dipheteria dos pom-bos, canarios e faizões, que é transmissivel ao homem.

A conclusão a tirar, é que o logar dos animaes domesticos, não é o dos nossos proprios aposentos; e que devemos observar todas as *prescripções hygienicas*. Na America, desde que se declara uma doença infecciosa em qualquer habitação, todos os animaes d'essa casa, são apprehendidos e isolados, ou destruidos.

L. M.

Dos nossos poetas

SONETO

*Ó virgens que passaes, ao Sol-poente,
Pelas estradas ermas, a cantar!
Eu quero ouvir uma canção ardente.
Que me transporte ao meu perdido Lar.*

*Cantae-me, n'essa voz omnipotente,
O Sol que tomba, aureolando o Mar,
A fartura da seara reluzente,
O vinho, a Graça, a formosura, o luar!*

*Cantae! cantae as limpidas cantigas!
Das ruinas do meu Lar desatterrae
Todas aquellas illuzões antigas*

*Que eu vi morrer n'um sonho, como um ai...
O' suaves e frescas raparigas,
Adormeei-me n'essa voz... Cantae.*

(1) ANTONIO NOBRE

Do seu livro «Só».

(1) Este poeta destaca-se vigorosamente, na nossa litteratura contemporanea, pela sua poderosa e ex-tranba originalidade, pela intensa subjectividade da sua arte, tão pessoal em que elle traduz admiravelmente: as intimas amarguras, as tristezas, e as angustias da sua alma doente e atormentada.—Os seus versos, muitas vezes bizarros, algumas vezes pueris, são ordinariamente de um pessimismo doentio, mas quasi sempre de um rythmo adoravel, de um alto poder expressivo e impressionante e de uma soberba e original belleza de forma.

Interesses locais

A nossa estação

DEMONSTRAMOS em o numero passado a necessidade—e urgente—de se pedir a ampliação do edificio da nossa estação do caminho de ferro.

E demonstramos tambem que, talvez com menos razão, Vianna, Nine, e Braga, teem estações luxuosas, dignas de povoações importantes: e que a nossa terra, sendo um dos principaes centros commerciaes do Minho, tem uma estação do caminho de ferro que a envergonha e deprime, porque somos merecedores de ter um edificio condigno, embora não tenha luxo.

Porque não podemos obter a ampliação d'aquelle edificio acanhado em demasia e nada indicativo do movimento importante da nossa estação?

O projecto está feito. E, em nosso entender, quem manda projectar, espera pelo ensejo de executar. Por isso, nós entendemos que, congraçados os empenhos e reunidas as vontades, esse melhoramento se pôde obter sem custo de grandes energias e mesmo sem dispendio de grande insistencia.

A Associação Commercial de Barcellos—disse-nos o seu digno presidente snr. João Carlos Coelho da Cruz,—trabalhou já com certo interesse para que esse melhoramento se fizesse. Mas nós entendemos que se essa digna aggremação, conjuntamente com

o auxilio dos chefes políticos e vereação municipal da localidade, de novo se empenhasse no assumpto, representando a quem deve representar, poderia conseguir o que de justiça nos é devido.

A ideia ahi fica. E estamos bem certos de que tão urgente se torna esse melhoramento, que não temos duvida em garantir que tal pedido será bem recebido pela illustrada direcção dos Caminhos de ferro, e ainda pelo ministro das obras publicas, que tambem sobre o assumpto terá de ser ouvido.

Nós entendemos que a todo o barcellense é imposto o dever de trabalhar em beneficio da sua terra; que, sobre assumptos locaes, deve ser posta de parte a politica — todos esses facciosismos que tem envolvido o nosso meio.

D'este modo pensamos e de egual modo temos procedido. A politica, quando se trata do que directamente interessa a nossa terra, deve ser posta de parte.

*

* *

Onde encontramos uma estação do caminho de ferro egual á nossa? — Em Barrozelas, Tamel, Darque, S. Romão e outros logarejos. Pois se estabelecermos um confronto entre os rendimentos d'estas estações e o da nossa, vemos que, sob este ponto de vista, estão n'uma inferioridade espantosa. Alem d'isso, devemos attender a que essas povoações não tem importancia nem movimento commercial, o que torna maior ainda o contrasenso de possuirmos uma estação egual aquellas e insufficientissima para as necessidades locaes.

E o viajante, passando na estação de Barcellos e não conhecendo a importancia da nossa terra, deve imaginar que isto é uma aldeia ou uma povoação de somenos valor.

Não temos vedado o recinto da estação e linhas, por um muro, como devia estar e como a maior parte, senão todas, as estações estão. Temos uma pessima illuminação na *gare*; temos um caes desprotegido que devia estar coberto, pelo facto de alli permanecerem, por vezes, mercadorias para embarque e que com o tempo podem deteriorar-se. Ha apenas trez linhas: duas, devem estar livres, segundo o regulamento, para

passagem e manobras dos comboyos e alteiração dos cruzamentos, sempre que necessario seja. Pois devia haver alli mais uma linha de resguardo, se attendermos a que é grande o numero de wagons que quasi diariamente estão para ser carregados ou descarregados.

Em conclusão: — temos que pedir, para que a nossa estação seja elevada á altura do seu rendimento e á cathegoria da nossa terra.

Congreguem-se todos, *todos*, para obter o que consideramos de inteira justiça e de maxima necessidade.

*

* *

Mas ha mais: Por que motivo se não ha de conseguir que os comboyos *tramways* que ficam em Famalicão venham a Barcellos? — Isto seria de grande interesse para a nossa terra.

Porque motivo tambem não pedimos um comboyo semanal, ás quintas-feiras, dada a importancia commercial e agricola que todos reconhecem á nossa feira, o que representaria uma grande utilidade para todos nós e, principalmente, para o nosso commercio e industria?

*

* *

Ficamos por aqui. E desnecessario será dizer-se que estamos promptos para trabalhar em beneficio de Barcellos. Congreguem-se todos os esforços que, por nossa parte, o trabalho não será dos de menos boavontade.

E já que fallamos dos melhoramentos da nossa estação, permittimos-nos o direito de dizer que, felizmente, se encontre agora alli um funcionario brioso — o digno e illustrado chefe snr. Torres — que muito tem contribuido para o actual asseio das acanhadissimas dependencias da estação.

Mas não entendemos que isto seja o bastante para nos satisfazer, apezar de muito ter já feito e de nada mais se poder exigir d'esse zelosissimo pessoal. Pensamos que os melhoramentos expostos são tão necessarios como urgentes e aconselhamos a sua reclamação, na certeza de que tudo isto, que é d'inteira justiça, nos será concedido.

Chronica ligeira

D'ESTA vez, ao mesmo tempo que aqui tenho d'applaudir novos rasgos d'uma alta benemerencia, pondo na penna todo o entusiasmo, de que sou capaz, para saudar o illustre philantropo, tambem o coração me fórça a orvalha-la em pranto, para registrar um acontecimento dolorosissimo: o fallecimento de Delfino Esteves.

Foi ha um mez, pelas 3 horas d'uma noite horrivel. A natureza rebramia em colera, como se um protesto formidando erguesse contra a barbaridade crudelissima de morte tão prematura. Oh! E se assim fosse, a rasão era sobeja, pois se custa sempre ver esconder-se na eterna treva da campa uma existencia em plena manhã, mais ainda aquella, que foi arrancada aos affectos extremosissimos d'uma familia dedicadissima, á estima fervorosa d'amigos verdadeiros e que era prestimosa e boa, scintillante d'apreciabilissimas virtudes.

Pobre Delfino! Lá foi e não pôde já dar o calor do seu vibrante entusiasmo, aos louvores devidos a essa nobre figura de benemerito authenticico, que no uso generoso da sua proverbial munificencia, acaba de contemplar as duas instituições que o saudoso extinto mais amou e que lhe deveram assignalados serviços—a *Liga* e os *Bombeiros*.

Não se limitou, porém, áquellas prestantissimas corporações, a liberalidade do snr. Conde d'Agrolongo, que outra não foi a individualidade distinctissima, que tanto se tem destacado na esphera resplandecente do altruismo.

A Associação de Barcellinhos, os Asylos do Menino Deus e S.S. Corações, a Officina-Asylo, o Hospital, Asylo d'Invalidos, os pobres, tudo mereceu da mão dadivosa do opulento titular, que não se deslumbra com o elevado fastigio da sua alta situação e antes se alegre e desvanece com trazer a consciencia feliz e o coração satisfeito do bem que espalha.

Bem haja. Barcellos já muito lhe deve e eu aqui o consigno, curvando-me cheio d'admiração perante a pessoa illustre do benemerito Conde.

M.

Theatro Gil Vicente

AS RECITAS DE 27 E 28

UMA decepção, e grande, devia ter tido o brioso grupo d'Amadores Dramaticos, nas recitas de 27 e 28.

Foram ellas em beneficio de duas instituições muito sympathicas, mesmo muito presentes—a Liga Barcellense d'Instrucção e Educação e o Collegio dos SS. CC. de Jesus e Maria—e as peças escolhidas — *O Paço de Veiros* e *Em casa da avó*—eram de folego, é certo, mas de uma compostura harmoniosa em que se destacava, principalmente no *Paço de Veiros* de Julio Dantas, a elevação cuidada da phrase, a primôrosidade dos termos e a impeccavel organisação scenica. E deviam esses espectaculos ter chamado ao nosso theatro uma concorrencia grande de espectadores.

Não aconteceu porem assim e mau grado nosso o termos de registrar o facto.

E' certo que não houve o réclame espalhafatoso de muitas vezes, a caixa e o painel a percorrer as ruas, como algumas companhias teem feito. Mas havia a chamar o publico a competencia já muitas vezes provada do distincto Grupo d'Amadores Dramaticos e o réclame de peso, que era o de ser o producto dos espectaculos destinado a beneficiar duas instituições que se teem imposto ás sympathias do nosso publico, e muito principalmente a Liga, que, *gratuitamente*, ministra a instrucção a muitos analfabetos.

E a este réclame havia a accrescentar o facto de o mesmo Grupo d'Amadores Dramaticos ter já bastantes vezes demonstrado que nunca em beneficio proprio trabalhou, mas sim sempre em proveito de instituições ou corporações nossas, como já o tinha feito para a Officina-Asylo, Asylo d'Invalidos, Bombeiros e outras, gastando-se em trabalhos extenuantes, como é esse de preferir ao goso a massada de se ensaiar todas as noites e de gastar até dinheiro para apresentar em scena uma peça.

Tudo isto, porem, influiu pouco no espirito barcellense: as casas... como raras vezes acontece!

—Tambem no Gil Vicente se realisaram tres espectaculos pela Companhia Dramatica Lisbonense, sob a direcção do popular actor Fernandes.

De entre as peças representadas, destacamos «A tomada da Bastilha» e «O homem das mangas», cujo desempenho foi muito correcto, merecendo os applausos que o publico dispensou aos seus interpretes.

Esta Companhia volta a esta villa e dará uma série de 8 espectaculos, sendo a primeira representação, no dia 4 de Abril, com o apreciadissimo drama «A Morgadinha de Val-Flor», de Pinheiro Chagas.

J. S.

Variedades

EFFEITOS DA GUERRA

As despesas da guerra russo-japoneza pesam ainda, esmagadoramente, sobre o Japão. Os impostos augmentaram consideravelmente; a vida encareceu muitissimo; os salarios, ainda que mais elevados, não augmentaram na mesma proporção.

A mulher japoneza está reduzida aos mais duros trabalhos. Contam-se 1:300 mulheres nas minas de carvão em relação a 7:500 homens; e nas fabricas metallurgicas, onde trabalham 62:000 homens, approximadamente a 9:000 mulheres ahi labutam tambem.

UMA REPUBLICA IDEAL

A Costa-Rica offerece no seu conjuncto o ideal das republicas modernas: belleza inalteravel do clima, fecundidade inexgotavel da terra, manutenção permanente da ordem.

O regimen é essencialmente democratico, tão democratico que qualquer cidadão pode abordar, sem audiencia, o presidente ou um ministro e conversar com elles tão facilmente como com um simples jornalista.

Não ha crise social: todos trabalham, quer sejam patrões ou operarios. Sem luctas de classes, a grève é alli desconhecida e ninguém reclama o dia de trabalho de 8 horas. Ao fim de cinco ou seis dias, descança-se.

Alem d'isso, vive-se economicamente, não

se usam vestuarios custosos e alojam-se em casas modestas.

Nada de militarismo: todo o exercito se reduz a 625 soldados e alguns officiaes. O ministro da guerra é sempre um advogado. Em 88 annos, houve apenas uma guerra — a de 1856 — quando a independencia da Costa-Rica foi posta em perigo pelo aventureiro Walker

Facto significativo: A Costa-Rica, um paiz ditoso, não tem Historia!

TITULOS REAES

Os soberanos orientaes usam os mais bizarros titulos.

O imperador da Araucania intitula-se: «Possuidor de duas grandes argolas das orelhas, senhor feudal de doze reis que mettem as cabeças debaixo dos seus pés». O rei d'Ava glorifica-se de ser: «Deus, o rei dos reis, ao qual todos devem obedecer, porque é elle que protege a vida dos animaes, que é o regulador das estações, o senhor absoluto da maré, o irmão do sol e o rei de vinte e quatro guardachuvas». O rei do Monomotapa cognominou-se: «O Senhor do Sol e da Lua, grande feiticeiro, grande ladrão».

Este ultimo epitheto, n'este paiz, é altamente elogioso: ladrão é synonymo de habil, intelligente.

A par d'estes titulos tão brilhantes, como nos parecem pallidos os dos soberanos europeus!...

Só Francisco-José e Affonso XIII se singularisam um pouco pela sua pretensão de usarem ambos o titulo de «Rei de Jerusalem» o que, de resto, não metterá os seus dois imperios em combate.

EXPEDIENTE

Por motivo de o presente numero ser o do inicio do segundo anno do *Barcellos-Revista*, sahe com 16 paginas, custando o preço do costume.

—Afim de regularisar a sahida d'este quinzenario, pedimos a todos os nossos illustres collaboradores, o obsequio de nos mandarem, sempre que lhes seja possivel, as suas producções até os dias 10 e 25 de cada mez.